

Empreendedorismo nas Ciências da Saúde: what's in a word?

David M. Pereira

ARTIGO OPINIÃO | OPINION ARTICLE

No atual panorama das múltiplas indústrias que integram a fileira da Saúde, a palavra “Empreendedorismo” está na ordem do dia. Embora a tendência seja global, é particularmente evidente em Portugal uma vez que, transitando de um estado inicial de quase ausência deste paradigma, a evolução nos últimos 10 anos é muito marcada.

Segundo o Global Entrepreneurship Monitor 2013 (GEM), do qual Portugal faz parte, em 2013 registou-se uma Taxa de Atividade Empreendedora (TAE) de 8,2%, confirmando a tendência de aumento registada desde 2010. Com efeito, a taxa TAE de Portugal tem demonstrado repetidamente valores próximos da média das economias orientadas para a inovação. Segundo o mesmo estudo, a faixa etária entre os 25 e os 34 anos é a que regista a maior incidência de atividade empreendedora early-stage (TAE de 11,9%), sendo que o nível de escolaridade onde se regista a maior incidência de atividade empreendedora corresponde ao nível de formação pós-graduada, isto é, são os detentores de mestrado ou doutoramento (TAE de 14,8% para a população detentora destes níveis de escolaridade).

Como já foi escrito (demasiadas vezes), o empreendedorismo está hoje na moda em Portugal, com todas as vantagens e desvantagens que daí advêm. O protagonismo e atenção dados ao tema são, naturalmente, positivos, na medida em que contribuem para a crescente

informação e consciencialização da sociedade relativamente a este tema. Multiplicam-se as iniciativas e concursos de apoio ao empreendedorismo, o que, apesar de positivo pela visibilidade que confere aos projetos, resulta em certas situações num setor fragmentado e caracterizado por várias iniciativas de pequena dimensão que competem entre si pelo número reduzido de projetos viáveis que existem.

A própria Academia parece ter despertado recentemente para as questões relacionadas com o Empreendedorismo e Inovação, como evidenciado na Figura 1.

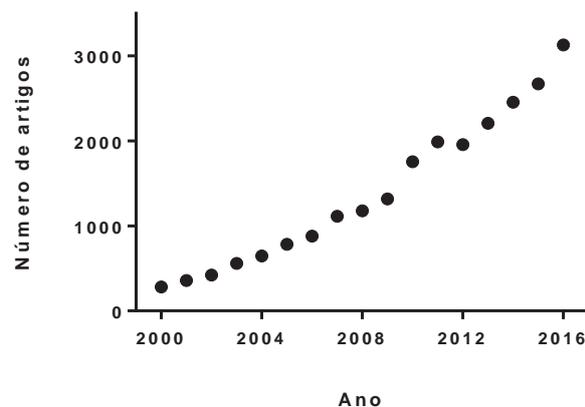


Fig. 1 – Evolução do número de publicações científicas indexadas no “Web of Science” sob o termo “entrepreneurship” (Pesquisa efetuada em outubro de 2017).

Persistem, no entanto, sérias dificuldades na translação do conhecimento gerado nas Universidades em soluções tecnológicas e produtos que cheguem à sociedade, tendência também evidenciada pela taxa de patenteamento de Portugal, ainda uma das mais baixas da Europa.

No caso português, nos últimos 10 anos teve lugar uma evolução na forma de pensar o papel das Universidades enquanto forças motrizes da Inovação, frequentemente culminando na criação de parques tecnológicos e incubadoras de empresas junto das principais Universidades. Começou-se assim, lentamente, a agregar fisicamente um conjunto de pessoas com interesses comuns e, acima de tudo, com capacidades técnicas capazes de contribuir para a lenta formação de uma plataforma de massa crítica.

No caso específico dos farmacêuticos, o tema parece estar, finalmente, suscitar o merecido interesse. Multiplicam-se os projetos de natureza empreendedora com farmacêuticos como proponentes. A nível organizacional, o tema tem vindo igualmente a permear, como está patente pelo simpósio dedicado ao tema

“Empreendedorismo Farmacêutico” organizado no âmbito Congresso Nacional dos Farmacêuticos 2017.

Ao nível das instituições de Ensino Superior começam também, lentamente, a surgir iniciativas pedagógicas nesta área, nomeadamente com a criação de Unidades Curriculares dedicadas a estes temas nos Mestrado Integrados em Ciências Farmacêuticas, bem como cursos de formação não-conferentes de grau. Sendo certo que o empreendedorismo não é algo que possa ser ensinado nos mesmos moldes que outras áreas mais clássicas das Ciências Farmacêuticas parece óbvio que a sensibilização dos futuros farmacêuticos para estes temas é fundamental, na medida em que permite a formação de profissionais que têm de estar, cada vez mais, preparados para fazer o que for preciso. Como sempre aconteceu.